



Hibridismo cultural-religioso em devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na cidade de Laranjeiras/Sergipe

Ivan Rêgo Aragão¹

Introdução

Refletir sobre a cultura afrobrasileira é pensar nos elementos da construção histórica de pessoas vindas de locais da África, cativas, privadas de sua dignidade e obrigadas a trabalhar na economia açucareira no império português do Brasil colônia. Os chamados povos da Diáspora Negra² vieram de diferentes pontos da África, acarretando a convivência de grupos étnicos que tinham pouca ou quase nenhuma afinidade cultural. Os estudos apontam que dentre os grupos etnolinguísticos que aportaram no Brasil em quantidade de cativos, os bantos e sudaneses foram os que mais se destacaram (NASCIMENTO, 2010).

Os bantos eram principalmente das etnias angolas, caçanjes e bengalas vindos das regiões do Congo, Moçambique e Angola, e, se fixaram segundo Nascimento (2010), nas regiões que hoje são o estado de Minas Gerais e Goiás. Já os sudaneses eram formados pelos iorubas ou nagôs, *jejes*, *fanti-achanti*, *haussás* e mandingas-islamizados das regiões do Benin, Nigéria e Togo. Concentraram-se em locais que hoje são os estados de Bahia, Pernambuco, Maranhão e região do rio da Prata.

Esse fato revela que as pessoas vindas do continente para trabalhar no Ciclo do Açúcar procediam de locais distintos, e nesse sentido, verifica-se aspectos conflitantes ocorridos no Brasil entre diferentes etnias africanas, como a religiosidade, língua e costume. Sendo assim, os povos subjugados tiveram que forçosamente se adaptar à nova realidade social. Como forma de

¹ Mestre em Cultura e Turismo (UESC); Especialista em História e Cultura do Brasil (UGF); Membro da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). E-mail: ivan_culturaeturismo@hotmail.com

² Diáspora é um substantivo feminino com origem no termo grego "*diásporá*", que significa dispersão de povos, por motivos políticos, econômicos ou religiosos.



sobrevivência e trânsito, comunidades vindas como escravos estabeleceram “relações com companheiros de cor e origem, construindo espaços para a prática da solidariedade e recriando a sua cultura e a sua visão de mundo” (MATOS, 2013, p. 155). Dessa maneira, se verificou um legado cultural a partir das características do continente africano em práticas religiosas no Brasil.

Diversos pesquisadores³ apontam a influência dos povos africanos nos mais variados segmentos da cultura brasileira. Ainda que oprimidos pela cultura do colonizador e, portanto, uma cultura de cor branca europeia, sabe-se que como povos que vieram para trabalhar na agricultura canavieira, as etnias vindas da África que aqui aportaram, deram um novo significado ao arcabouço cultural do Brasil.

A vinda dos africanos ao Brasil modificou sobremaneira os costumes cotidianos na sociedade brasileira. Graças ao modo diferenciado de perceber o mundo pelos escravos, o Brasil detém uma cultura singular que está inserida nos mais diversos segmentos. No campo gastronômico enriqueceu as práticas alimentares com novos ingredientes, temperos e sabores, a língua portuguesa foi ampliada, inserido novas palavras ao dicionário brasileiro; diversificou o modo de dançar e comemorar as festas, incorporando novos sons e bailados; os africanos influenciaram o ritmo dançado dos folguedos e do folclore popular dos grupos de São Gonçalo do Amarante, Taieira, Caceteira e Congado, bem como nos passos do frevo e do samba, dentre outros (Aragão, 2013, p. 3).

Pela afirmação a cima percebe-se que houve uma gama de elementos africanos que foram incorporados à cultura brasileira, sendo fator de identidade a partir da soma de outras práticas culturais, a exemplo da indígena e portuguesa. Uma identidade cultural ressignificada pela junção de práticas simbólicas e cotidianas nas celebrações, alimentação, idioma, ritos, festas, ritmos e danças.

Abordar a identidade africana transplantada para as regiões americanas é falar de questões complexas e da multiplicidade do ser africano na África (APPIAH, 1997), visto que, esse pertencimento cultural diz respeito muito mais que morar no continente, mas também se identificar com a língua, religião, fazer parte do mesmo grupo étnico, dentre outros. Ainda assim, os

³ A abordagem da cultura brasileira sob a influência dos elementos africanos pode ser visitada em artigos de antropólogos como Raul Lody, Sérgio e Mudicarmo Ferreti, Beatriz Góis Dantas. E em historiadores como Ronaldo Vainfas, Reginaldo Prandi.



movimentos de resistência cultural-religiosa que se capilarizaram em regiões do Brasil que receberam escravos, acabaram por mostrar a sua força vinculada à tradição, através da flexibilidade em se hibridizar com culturas e práticas alheias à sua.

O catolicismo como religião dominante, imposta pela catequização e ideal colonizador da igreja contrareformista, não cedia espaço à cultura do dominado para manifestar atos, mitos e ritos de origem. Sendo assim, os africanos e os seus descendentes do Brasil encontraram meios de sobrevivência religiosa e de resistência cultural, incorporando à sua religião imagens de cultos católicos de forma sincrética.

A maioria das devoções aos santos católicos vinculados às populações vindas da África para o Brasil está relacionada à cor da pele. De acordo com Boschi (1985, p. 25) apud Quinhão (2007, p. 15), os santos de cor negra do devocionário católico eram as invocações recorrentes dos escravos, “[...] não apenas pela afinidade epidérmica ou pela origem geográfica, mas também pela identidade com suas agruras”.⁴ Outro ponto a salientar é o fator do martírio: os santos negros reconhecidos no Brasil sofreram maus tratos, sendo submetidos a provações para testar a sua fé, resignação, assim como os negros vindos da África para trabalharem na produção canavieira.

A partir da pesquisa bibliográfica e de campo, o presente texto descreve e analisa duas danças devocionais vinculadas à cultura popular denominadas de Taieira e Cacumbi. Manifestações herdadas da cultura portuguesa e africana que encontraram reatamento no estado de Sergipe, principalmente na cidade de Laranjeiras. Inicialmente o artigo se detém em localizar o espaço onde se encontram vivas as danças da taieira e cacumbi, para posteriormente explicar cada uma delas e, por fim, as considerações finais.

1. Aspectos históricos e culturais de Laranjeiras

⁴ Como São Benedito, Santa Ifigênia, São Elesbão, Santo Antônio de Categeró e São Baltazar. Além da Virgem do Rosário, invocação mariana muito popular nas irmandades de homens pretos no Brasil colônia.



Localizada no estado de Sergipe, região nordeste do Brasil, a cidade de Laranjeiras situa-se a aproximadamente 18 km de Aracaju, capital do estado. Laranjeiras durante os séculos XVIII e XIX era um importante centro econômico, político e cultural por onde se desenvolveu o cultivo da cana de açúcar no estado de Sergipe. Por ser uma região voltada para a prática econômica vinculada à escravidão, o aglomerado urbano laranjeirense foi também relevante espaço que recebeu etnias africanas pelos portos da Bahia e Recife para trabalharem como escravos.

Por ser uma cidade ligada à produção açucareira do período colonial, Laranjeiras detinha um grande número de população escrava, que era proibida de ter acesso às igrejas dos brancos, visto que, na época do Brasil colonial, as confrarias religiosas de homens leigos eram divididas pela cor da pele e classe social onde,

[...] os aristocratas cultuavam seus santos nos altares domésticos ou na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, sede da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que associava os ricos da localidade. Pretos e pobres congregavam-se na Irmandade de São Benedito, sediada na Igreja de mesmo nome, para cultuar seus patronos com ruidosos festejos realizados no dia de Reis [...] (SANTOS, 2006, p. 19).

Por a população negra ser proibida de ter livre acesso aos espaços sagrados da elite da cidade, eram recorrentes, as manifestações de danças e folguedos no lado externo da igreja (SANTOS, 2005).⁵

Como meio de se inserir na sociedade, os escravos alforriados entre os séculos XVII e XIX se organizavam em torno da Irmandade de São Benedito, para festejar o dia de Reis, apresentando chegada, cacumbi, taieira, maracatu, entre outros folguedos populares (DANTAS, 1988). Nas irmandades de homens pretos, ocorria a louvação aos santos de simpatia das populações originadas da África, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. “Em Laranjeiras, a igreja dos negros era a de São Benedito, edificada na colina com acesso para as bordas da cidade, pois, na época, os negros não podiam circular pelas ruas centrais” (LIRA, 2012, p. 38).

A cidade de Laranjeiras alcançou seus tempos áureos com a economia açucareira colonial, concentrando grande parte das fazendas de cana-de-

⁵ Foi a partir dos escravos alforriados e livres que no Brasil surgiram às irmandades católicas dos homens de cor.



açúcar do estado. Tendo o seu conjunto arquitetônico e paisagístico Tombado desde 1996 (BRASIL, 2013), é notado pela arquitetura de praças, casarões e igrejas. Nesse contexto,

Laranjeiras é uma cidade, dentre algumas, que é considerada patrimônio nacional, não obstante, quando se passeia por suas ruas a sensação é de uma retomada há tempos anteriores na história do Brasil, porque se vê estradas de pedra, igrejas localizadas em cima de morros, a manifestação de grupos folclóricos, residências com fachadas coloridas e ecléticas, dentre outras imagens históricas (ORAZEM, 2008, p. 3).

Além da riqueza histórica expressa na arquitetura colonial, a cidade de Laranjeiras guarda ainda expressões imateriais de sua história, contada através da presença de mais de vinte grupos de danças e folguedos (SANTOS, 2006), como os grupos de Taieira e Cacumbi aqui analisados.

2. A taieira

Como legado do tempo do Brasil escravocrata, à Taieira (Figura 1) é uma dança que transita entre a característica portuguesa católica - que faz parte das danças do Ciclo Natalino - e os aspectos da cultura africana (ritmos, sons e letras), para louvar a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, assim como a Chegança e o Cacumbi (DANTAS, 1972). Trazida de Portugal para o Brasil, a Taieira incorporou elementos da Diáspora Negra em suas músicas. Alencar (2003) e Lemos et al (2007), corroboram em mencionar que estes elementos estão vinculados ao negro, e nesse contexto, a Taieira de Laranjeiras inseriu nos seus ritos, tanto os cantos benditos de louvação aos santos negros, como aos orixás, se utilizando do culto afro.

Figura 1 – Grupo da Taieira



Foto: Ivan Rêgo Aragão

De acordo com Dantas (1972), no passado ocorriam grupos de Taieiras nos estados de Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro, “[...], porém, na atualidade uma sensível redução da sua área de ocorrência, nestes estados” (LEMOS et al 2007, p. 25). Assim como esses grupos, as taieiras das cidades sergipanas de Laranjeiras, São Cristóvão, Japaratuba e Lagarto, estão atrelados, no presente, à herança do Brasil colonial. Atualmente o caráter legado pelo sincretismo religioso tem característica marcante nas taieiras de Laranjeiras, o que não acontece com todos os grupos desse folguedo em Sergipe que possuem mais características artístico-culturais, conforme os estudos de Alencar (2003), Dantas (1972) e Ribeiro (2003).

Como meio de se inserir na sociedade, os escravos alforriados entre os séculos XVII e XIX se organizavam em torno da Irmandade de São Benedito, para festejar o dia de Reis, apresentando chegada, cacumbi, taieira, maracatu (DANTAS, 1988). A partir das irmandades de homens pretos, ocorria a louvação aos santos de simpatia das populações originadas da África, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. “Em Laranjeiras, a igreja dos negros era a de São Benedito, edificada na colina com acesso para as bordas da cidade, pois, na época, os negros não podiam circular pelas ruas centrais” (LIRA, 2012, p. 38).

A Taieira em Laranjeiras desde o século XIX, até o momento presente, se firmou em uma linhagem de seis gerações, sempre com a presença marcada pela liderança de mulheres afrodescendentes. “Antes da famosa Umbilina, houve a negra Calu que já morreu idosa, antecedida por Maria Nenêga que recebeu a tradição de Sá Geralda, antigamente a dona desse espaço” (DANTAS, 1972, p. 56). Já no século XX, dois fatos puseram o caráter do hibridismo religioso, que se transformou em marca da expressão principal do grupo. Sendo uma manifestação vinda desde o período da segmentação dos espaços religiosos e étnicos, as Taieiras com a liderança de Mãe Bilina⁶ (Figura 2) revelavam a partir da primeira metade do século anteriormente citado, o hibridismo afro-católico.

Tal realidade se concretizou com o ritual de coroação da rainha na Igreja de São Benedito, onde antes da citada líder, os ritos da cultura Nagô e Católica não eram expostos. Ao assumir a direção, Dona Umbilina Araújo que era Mãe de Santo, trouxe os elementos africanos da cultura Nagô para dentro do ritual católico do grupo.

Figura 2 – Dona Umbilina Araújo (Mãe Bilina) foi uma das Líderes das Taieiras



Fonte: Acervo do Museu Afro de Laranjeiras

⁶ Carinhosamente chamada de Mãe Bilina, a líder tinha como nome de batismo Umbilina Araújo.

[...] com Mãe Bilina, a Taieira se firmou em importância e respeito perante a comunidade laranjeirense. Neta de escravos herdou de sua avó Ismera conhecida como Biroquê a tradição religiosa africana, sendo posteriormente “convocada” para a chefia do terreiro nagô “Santa Bárbara Virgem”. De sua mãe Carolina, a “Crioula Calu”, recebeu o encargo de organizar a Taieira (Lemos et al 2007).

De acordo com Alencar (2003), na Taieira de Laranjeiras é perceptível elementos de rituais afros, não só nos ritmos e nos cantos, mas no cortejo remanescente do cerimonial dos congos africanos que se fixaram desde o Brasil colônia. Essa proximidade entre culturas diferentes, acontecia no ápice da cerimônia de coroação da rainha das taieiras (Figuras 3 e 4) tornando-se recorrente no cotidiano do grupo. Ao tomar a frente dos trabalhos tanto do Terreiro Santa Bárbara Virgem, quanto do folguedo das Taieiras, a líder religiosa D. Umbilina estipulou o batizado católico e a pureza como premissas para a inserção no grupo. Para tornar-se membro no grupo das Taieiras tem que ser menina e moça virgem (LEMOS et al, 2007). Em consequência dessa última disciplina, Mãe Bilina tratou de modificar a faixa etária dos membros do gênero masculino (rei, ministro e patrão), que passou de adultos para meninos e pré-adolescentes.

Figuras 3 e 4 – Imagens de Nossa Senhora com a Coroa e do Momento em que o Atributo da Imagem é posto na Cabeça de uma Integrante da Taieira



Fotos: Ivan Rêgo Aragão

Com o falecimento de D. Umbilina na década de setenta do século passado, a liderança fica a cargo de D. Lourdes dos Santos que, durante quarenta anos, manteve-se fiel aos preceitos evocados por sua antecedente.



Foi quando a partir de 2003, Bárbara Cristina tornou-se a Lôxa⁷ que assumiu essa função. Percebe-se que a Taieira de Laranjeiras é um grupo que está alicerçado numa sociedade matriarcal, onde ao decorrer do falecimento da líder, os orixás são quem definem sua sucessora.

Vestidos em traje de predominância vermelha e branca (cores de Iansã/Oyá), fitas coloridas com cada cor representando o Orixá específico e chapéus com flores, o grupo rememora o reinado do Congo que foi uma constante em representações dos festejos das irmandades ou ordens terceiras católicas de homens pretos. Nesse contexto, o que torna a Taieira de Laranjeiras singular em relação aos outros grupos de Sergipe e de outros estados brasileiros, além do aspecto já citado da pureza dos componentes,⁸ é o seu processo de existência pautado na liderança e relações de poder das mulheres: filhas e mães de santo, culminando na atual intimidade no diálogo com o universo afrocatólico, sendo uma manifestação popular que também busca a valorização da tradição cultural afro-sergipana.

3. O cacumbi

O Cacumbi (Figura 5) é outra dança representativa na cidade de Laranjeiras que transita entre o cultural-religioso e que foi formada a partir dos elementos do hibridismo cultural popular brasileiro. O catolicismo sendo a prática religiosa de dominação somente tolerava elementos de outras culturas que não rebatessem os símbolos e os discursos da cultura e religião vigente.

⁷ Chefa religiosa do Terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem.

⁸ Todos que fazem parte do grupo são crianças ou pré-adolescentes.

Figura 5 – Grupo de Cacumbi Louvando a São Benedito no Interior da Igreja



Foto: Ivan Rêgo Aragão

Nesse sentido, a poluição negra vinda da África e seus descendentes, encontram maneiras para manifestar a sua fé. Ferretti (2007) menciona que a forma sincrética de vivenciar o culto religioso corrobora em ser uma forma de hibridismo cultural, pois não existem religiões ou culturas puras ou não sincréticas. Ainda assim, o autor citado confirma que os rituais de culto da religiosidade popular portuguesa e de origem africana são, “[...] duas retas que se encontram no infinito. Paralelismo de ideias e valores que estão próximos, mas não se misturam nem se confundem” (FERRETI, 2007, p. 7).

Assim como a Taieira, o Cacumbi de Laranjeiras nas festas dos santos reis fazem suas homenagens a São Benedito (Figura 6) e Nossa Senhora do Rosário dançando e cantando no altar da igreja. Silva faz um panorama da dança ao mencionar que,

Figura 6 – São Benedito (Séc. XVIII)



Foto: Ivan Rêgo Aragão

O cacumbi esteve sempre ligado ao catolicismo popular negro, de norte a sul do Brasil, também conhecido como catumbi ou quicumbi, ele sempre apresentou características semelhantes em suas trovas, bandeiras, roupagens, tambores e espadas, instrumentos presentes na dança. Tinha por objetivo, fazer a coroação de seu rei e de sua rainha e homenagear com trovas e procissões Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (SILVA, 2013, p. 2).

Segundo Alencar (2003, p. 71), o Cacumbi é uma variante das congadas, porém sua raiz é sempre africana. Essa dança guarda traços do continente negro em vários aspectos: na pompa do cortejo, na presença dos reis, das embaixadas, na luta entre reis e nas cenas de combate (ALECAR, 2003).

Após João Pita e mestre Zezinho, nos últimos anos, mestre Deca (Figura 7) esteve à frente do grupo dos Cacumbis em Laranjeiras, porém por motivo de idade avançada, atualmente quem lidera o grupo são três dos seus filhos. Em Laranjeiras, o Cacumbi não possui mais a dramaticidade, segundo mestre Deca, no passado o grupo tinha todas as figuras para uma apresentação dramática. A ausência dos personagens citados anteriormente

por Alencar (2003) transformou o Cacumbi de Laranjeiras em um grupo coreográfico com danças, ritmos e sons alegres e ricos. Assim como outros grupos de cacumbi no Brasil, o grupo em Laranjeiras tem origem na Confraria de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário já no período escravocrata do Brasil colônia. O grupo é formado por homens adultos e idosos que são os mestres e dançarinos.⁹

Figura 7 – Mestre Deca



Foto: Ivan Rêgo Aragão

Os cacumbis se apresentam trajados com calça comprida branca, camisa de mangas compridas em laquê amarelo ouro¹⁰ com fitas coloridas saindo dos chapéus e caindo na frente e atrás da camisa. Chapéu de palha forrado de laquê com a aba quebrada e espelhos colados e conga azul marinho. O cacumbi tem uma dança marcada por evoluções dentro de um ritmo intenso e sequenciado. “A dança em dois cordões de repente se transforma numa cadeia ritmada que tem característica de dança guerreira tamanha do batuque que os impulsiona” (ALENCAR, 2003, p. 76). No Cacumbi o louvor a São Benedito é característica dominante na devoção em Laranjeiras e de outros grupos do Brasil sempre com a influência da cultura afrobrasileira.

⁹ Atualmente na cidade existe o cacumbi mirim formado por crianças.

¹⁰ Apenas o Mestre usa a camisa na cor azul.



Considerações finais

Ao observar *in loco* os grupos das taieiras e cacumbis em Laranjeiras, constata-se que os elementos que os distinguem como grupos de manifestações culturais afrobrasileiras se fazem presentes ainda nos dias de hoje, pois são formas de identidades, pertencimento, resistência cultural-religiosa, e denotam singularidade aos folguedos e danças do folclore brasileiro.

Se a Taieira e o Cacumbi são grupos formados pela junção de duas culturas distintas – portuguesa e africana – essa justaposição de elementos culturais e religiosos oriundos das devoções aos santos nas irmandades de homens pretos do Brasil colônia, equaliza a singularidade cultural afrocatólica de ambas as danças. Heranças das populações vindas para colonizar e trabalhar no país na economia açucareira entre os séculos XVI e XVIII.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. Danças e folguedos. Iniciação ao folclore sergipano. 2. ed. Secretaria de Estado da Educação. Aracaju, 2003.

APPIAH, Kwame. Estados alterados. In: Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 221-240.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. Devoção negra aos santos católicos: identidade, hibridização religiosa e cultural nas celebrações In: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. - ANPUH. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.

BRASIL. Lista dos bens culturais inscritos no Livro de Tombo. IPHAN, 2013.

DANTAS, Beatriz Góis. Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, n. 27, 1966-78. p. 63-69.

_____. A taieira de Sergipe: pesquisa exhaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972.



_____. Vovó nagô e papai branco. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Multiculturalismo e sincretismo. In: I Congresso Internacional de Ciência da Religião, Goiânia, UCG, 03 a 05/09/2007. p. 1-10.

LEMOS, Andrey R. et al. A Taieira: cultura e identidade no município de Laranjeiras. Monografia (Licenciatura em História). Aracaju: UNIT, 2007.

LIRA, Ana. Cortejos sob as bênçãos de Rosário e Benedito. In: Revista Continente, ano XII, nº 133, janeiro de 2012, p. 36-43.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral S. Candomblé e umbanda: práticas religiosas de identidade negra no Brasil. In: Revista brasileira de Sociologia da Emoção, v. 9, n. 27, dez2010. p. 923-945.

ORAZEM, Roberta Bacellar. O patrimônio histórico e artístico de Laranjeiras/Sergipe. In: Anais do IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT, Salvador, UFBA, 28 a 30 de maio de 2008, pp. 1-15.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. Professora, existem santos negros? histórias de identidade religiosa negra. São Paulo: USP, v. 8, 2007.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. As taieiras. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

SANTOS, Gabriela Nicolau dos. Turismo e cultura popular: danças e folguedos de Laranjeiras como atrativos diferenciais do turismo em Sergipe. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), Ilhéus: UESC, 2006.

SILVA, Jaime José S. A dança do Cacumbi: novo olhar sobre as festas afro-brasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. In: Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013.